


Constituição e (re)formulação dos sentidos: a mulher nos discursos sobre a prevenção da AIDS /

Constitution and (re)formulation of meanings: a women in speeches about AIDS prevention

*Rosely Diniz da Silva Machado**

Doutora em Teorias do Texto e do Discurso, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Professora do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

 <https://orcid.org/0000-0003-2836-0879>

Recebido em: 09 jul. 2021. **Aprovado** em: 30 set. 2021.

Como citar este artigo:

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. Constituição e (re)formulação dos sentidos: a mulher nos discursos sobre a prevenção da AIDS. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 137-154, dez. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8415279>

RESUMO

Através deste artigo, analiso alguns discursos específicos veiculados em duas propagandas do Ministério da Saúde (uma de 2000 e outra de 2019), durante a Campanha de prevenção contra a AIDS. Para isso, são mobilizadas importantes noções teóricas da Análise de Discurso (AD) de vertente pecheutiana, como: memória discursiva, interdiscurso, formações discursivas e formações ideológicas que juntas permitem compreender processos imaginários de reconhecimento/desconhecimento que constituem os sujeitos nas suas relações sociais. Tais discursos veiculados em épocas distintas, distanciados num espaço de tempo de dezenove anos, oportuniza-nos, através das análises, não só mobilizarmos os pressupostos teóricos da AD, mas, sobretudo, atentarmos para a imperativa necessidade de nos desvencilharmos dessa fronteira tênue que busca delimitar/determinar o que cabe à mulher e ao homem na sociedade. Isso nos leva a considerar o que afirma Orlandi (2001, p. 144) sobre as relações de poder estarem simbolizadas em relações de força presentes no jogo dos sentidos. Entra, então, em cena o desejo de clareza (certeza): faz parte, da encenação retórica do poder, advogar a clareza, a transparência, praticando, assim, o apagamento, o silenciamento dos outros sentidos possíveis. Não há unicidade de sentidos por causa da história, do político, dos sujeitos. Sendo assim, o sentido claro é aquele que se estabiliza, o sentido dominante. O poder está sempre rodeando os sentidos que produz com uma grande quantidade de discursos, que teriam a finalidade de explicá-los, desambiguizá-los, para nos dar a certeza do (seu) sentido (verdadeiro).

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Machismo; Memória e Formações Ideológicas.

ABSTRACT

In this paper, I analyze some specific speeches conveyed in two advertisements of the Health Department (one of them from 2000 and another from 2019), during the Campaign for Prevention against AIDS. Important theoretical notions of Discourse Analysis (DA) of a Pecheutian approach are mobilized, such as discursive memory, interdiscourse, discursive formations and ideological formations that together allow us to understand imaginary

*

 roselymachado11@gmail.com

processes of recognition/ignorance that constitute the subjects in their social relations. Such discourses conveyed at different times, distanced within a space of nineteen years, provide us, through the analysis, not only to mobilize the theoretical assumptions of AD, but, also, to pay attention to the imperative need to disentangle ourselves from this tenuous frontier that we seek delimit/determine what belongs to women and men in society. This leads us to consider what Orlandi (2001, p. 144) states about power relations being symbolized in power relations present in the game of meanings. Then, the desire for clarity (certainty) enters the scene: it is part of the rhetorical staging of power to advocate clarity, transparency, thus practicing the erasure, the silencing of other possible senses. There is no uniqueness of meanings because of history, politics, subjects. In this regard, the clear meaning is the one that stabilizes, the dominant meaning. Power is always surrounding the meanings it produces with a large amount of discourses, which would have the purpose of explaining them, disambiguating them, to give us the certainty of (its) (true) meaning.

KEYWORDS: *Discourse; Chauvinism; Memory and Ideological Formations.*

1 Introdução

O tempo é o da fugacidade. O sentido não se deixa pegar. Instável, errático. O sentido não dura. O que dura é seu “arcabouço”, a instituição que o fixa e o eterniza. Ele, no entanto, se move em outros lugares (ORLANDI, 1990, p. 43).

Início este artigo, sob a forma de uma retomada teórica, destacando como as noções de memória discursiva, interdiscurso, formação discursiva e formação ideológica são concebidas na Análise de Discurso (AD). Em se tratando de noções tão abstratas, haveria um limiar que nos fizesse sentir seguros (ou melhor, ancorados num porto seguro, de preferência, num mundo semanticamente normal), principalmente, ao trabalharmos, sobretudo, o conceito de memória e de interdiscurso? Seria o caso de fechar tais noções, abrigando-as num dicionário, cujo verbete nos traria a segurança de um sentido capturado, daí se tornando concretamente evidente a todos? Sabemos que não, não para nós, sujeitos integrantes do processo de estruturação ideológica da subjetividade, já que ao fazermos significar, nos significamos.

Assim, contemplar tais noções provoca, em nós, sujeitos autores/leitores, no mínimo, efeitos de sentido que, certamente, merecem ser considerados, a partir das especificidades que tais conceitos apresentam para alguns autores. No dizer de Courtine, quando no Brasil esteve, as noções de formação discursiva e de memória discursiva, tais como podemos ainda apreendê-las, a partir dos trabalhos de Pêcheux, mas também de Foucault, e sem que forçosamente tenhamos necessidade de opor essas perspectivas uma à outra, não perderam em nada sua pertinência.

Clara está tamanha importância atribuída aos conceitos desenvolvidos ao longo da constituição da base que fundamenta a teoria do discurso. Sabemos que o discurso é,

assumidamente, heterogêneo, pois, entendido enquanto efeito de sentido, abriga o não-estabilizado, o desvio, o equívoco, enfim, pode sempre vir a ser outro tanto para quem o formula quanto para quem o interpreta.

Em meio a essa interlocução, está o que em AD se denominou posições ideológicas, que podem ser diversas e manifestam-se por meio de sua inscrição em Formações Discursivas (FD) distintas. Como sabemos, a definição de FD¹ é basilar, pois é nesse espaço de constituição e (re)configuração de sentidos que nossa relação com o mundo e a linguagem é mediatizada. Nessa perspectiva, entrelaçam-se, pois, a noção de FD, de sujeito e a questão ideológica, de modo que, segundo Pêcheux (1988, p. 163), “a interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se efetua pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina [...]”, ou seja, decorre dessa articulação teórica o fato conhecido de que tal identificação de que fala o autor baseia-se nas retomadas feitas pelo sujeito, no discurso, dos elementos do Interdiscurso que, ao serem retomados, por conseguinte, o determinam.

Soma-se a isso, ainda segundo Pêcheux (1988, p.162), que a aparente transparência de sentido é produzida pela FD, que dissimula a dependência relativa ao complexo dominante da formação ideológica, da qual o sujeito é projeção. Portanto, complexo dominante constitui o interdiscurso, lugar do pré-construído, daquilo que remete a uma construção anterior, independentemente daquilo que é construído na superficialidade do discurso.

Nessa tessitura, cuidadosamente articulada, dois níveis discursivos ganham seu estatuto teórico, pois é na relação de ambos que se manifesta o processo de interpelação ideológica: o interdiscurso, que é o nível do sistema de formação/reprodução/transformação de enunciados, e o intradiscurso, que é o nível da sequência discursiva. No nível do enunciado, é efetuada a descrição do interdiscurso de uma FD. É no interdiscurso que se constitui o domínio do saber, o qual funciona como princípio da aceitabilidade discursiva para o conjunto de formulações possíveis.

Disso tudo, sabemos, mas o que de interessante aqui cabe ressaltar é que ao falarmos de uma noção, inevitavelmente, outras se fazem presentes conceitualmente. Advém daí a seguinte observação: por que, então, haveríamos de pensar na delimitação de memória e interdiscurso? Seriam duas noções que deveriam ser entendidas separadamente, cada qual com

¹ Sobre o tema Formação Discursiva (FD) destaco aqui o importante texto de Freda Indursky (escrito por ocasião do II SEAD: *Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?* Disponível em <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/freda.pdf>.

sua delimitação específica? Vejamos. Sobre o assujeitamento do sujeito na ordem do discurso, cito Courtine (1999, p. 18, grifos meus), que se refere à noção de interdiscurso e de memória:

[...] o interdiscurso é entendido, no nível do enunciado, como um espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos, ou seja, uma série de formulações, marcando cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas em formas lingüísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraçando-se, opondo-se entre si, transformando-se...). É nesse espaço interdiscursivo, que se poderia denominar, seguindo M. Foucault, DOMÍNIO DE MEMÓRIA, que constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciativo na formação dos enunciados “preconstruídos” de que sua enunciação se apropria.

Sobre o papel da Memória Discursiva, Pêcheux (1983, p. 52, grifos no original) nos diz que

[...] seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecermos implícitos citados, relatados, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados, relatados, discursos-transversos, etc., de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (...) a questão é saber onde residem os famosos implícitos, que estão “ausentes por sua presença” na leitura da seqüências: estão eles disponíveis na memória discursiva como em um fundo de gaveta, um registro do oculto?.

A isso, o próprio Pêcheux (1983, p. 52) responde, citando P. Achará, sobre o fato de que, talvez, esses implícitos não sejam encontrados em parte alguma, remetendo-os à questão da regularização discursiva e à estabilização parafrástica, que, sob o peso do acontecimento discursivo, desregularia, deslocaria os implícitos, caracterizando-se, assim, um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento. Seguindo em suas reflexões, Pêcheux (1983, p. 53) aponta que “sob o mesmo da materialidade da palavra abre-se, então, o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva [...]. Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase [...].

Interessante ressaltar os termos referentes à memória, a saber: sistema reprodutivo e transformador; domínio de memória, espaço, exterior, apropriação, dispersão, acontecimento; discursos transversos, lugar de implícitos, memória esburacada, perfurada. Diante disso, como compreender/materializar algo tão fugidio, com tamanha fluidez? O fato é que a noção de memória discursiva é caracterizada como espaço conflituoso, polêmico, espaço de contradiscursos, nas palavras de Pêcheux (1983, p. 56), embasadas nas ideias de Paul Veyne: “[...] nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior”. Sobre este espaço de memória, Orlandi (2001, p. 82-83) ressalta que a

[...] enunciação de qualquer seqüência lingüística pode ser examinada quanto ao seu espaço de memória, através do discursivo. Trata-se de mostrar como os traços de memória, enquanto materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma seqüência dada, intervêm para constituí-la; contudo, isso não nos autoriza dizer que tais traços sejam autônomos, disponíveis fora da seqüência. A enunciação de uma seqüência lingüística se constitui em discursividade segundo as condições históricas e obedecendo às condições formais, de ordem lingüística. É em relação à própria espessura semântica da linguagem que se estabelecem as condições de constituição do lugar da memória.

Numa passagem de sua obra *Discurso e Texto*, Orlandi (2001) nos fala sobre o dispositivo de interpretação e tem-se, então, a menção à memória e ao interdiscurso, noções que parecem ter sido tomadas como equivalentes:

O dispositivo ideológico de interpretação do sujeito vem carregado de uma memória (uma filiação nas redes de sentido- o interdiscurso) que entretanto, aparece negada como se o sentido surgisse lá. Isto porque a memória discursiva (o interdiscurso) se estrutura pelo esquecimento: esquecemos como os sentidos se formam de tal modo que eles aparecem como surgindo em nós [...] (ORLANDI, 2001, p. 28, grifos meus).

Tal passagem relaciona-se ao que diz Pêcheux (1983, p. 34) sobre as duas necessidades do sujeito face à imprevisibilidade de sua relação com os sentidos, ou melhor, com o não-sentido (pretensão do mundo semanticamente normal), a sociedade necessita administrar a relação do sujeito com os sentidos.

A exemplo disso, temos a escrita que, na sua especificidade, impõe a quem escreve a obrigação de assumir o que escreveu. Esse “lugar social” de responsabilidade está determinado pela exterioridade (condições de produção). Assim, a forma-sujeito mobilizada na posição autor, por exemplo, produz um efeito de visibilidade que o responsabiliza pelo que diz e, ao assumir esse papel social, na sua relação com a linguagem, o sujeito constituir-se-á e mostrar-se-á um autor.

Orlandi (1988) afirma que a relação do sujeito com a interpretação fica determinada pela historicidade do dizer: é preciso dizer coisas que tenham sentido (memória do dizer), que façam parte do domínio do dizível e do interpretável, mas também que essas coisas tenham um sentido para alguém. Portanto, no processo de formulação do dito, estão em jogo as condições de produção do dizer, marcadas pelas formações imaginárias, resultantes de processo discursivos anteriores, manifestadas através das antecipações, jogo de imagens, segundo Pêcheux, dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já-

ditos com os possíveis e imaginados. Eis o entrelaçamento teórico que mescla sujeito, discurso, efeito ideológico, FD, interdiscurso, memória, efeitos de sentido, enfim, tudo produz sentido no jogo discursivo da exterioridade, que está constitutivamente no interior da prática discursiva.

2 Na cena dos discursos sobre prevenção da AIDS, as relações simbólicas de poder

Antes de adentrarmos nas análises em foco, ainda que as mesmas se alicerces nas noções da teoria materialista do discurso pecheutiana, destacamos a questão dos gêneros que circulam em nossa sociedade. Segundo Bakhtin (1997, p. 280), “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”. Assim, o estudo desses gêneros, presentes nas mais diferentes esferas da atividade humana, ganham destaque a partir de Mikail Bakhtin, que trouxe relevantes contribuições para a filosofia da linguagem e aos estudos discursivos.

Ao elegermos o gênero propaganda, é necessário dizer que entendemos o mesmo como um tipo de anúncio inserido no campo da atividade publicitária e apresenta características específicas², mas que não induzem, necessariamente, à compra de um produto, pois sua finalidade é, essencialmente, promover/incutir uma ideia e convencer pessoas/leitores a concordarem ou discordarem de algo.

Conforme Marcuschi (2008, p. 93), o leitor reconhece esse gênero por participar da cultura e da sociedade em que ele circula,

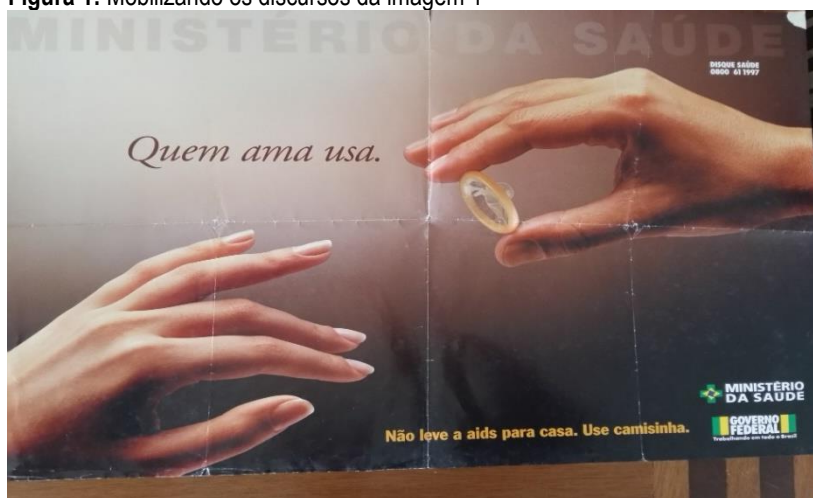
não se trata de um sujeito individual e sim de um sujeito social que se apropriou da linguagem ou que foi apropriado pela linguagem e a sociedade em que vive. Este aspecto não é secundário e recebe por parte da análise do discurso, por exemplo, grandes discussões. E também nós devemos ter cuidado com o uso da noção de sujeito e indivíduo, pois não se trata de sujeitos individuais, voluntariosos, intencionais, mas sum de sujeitos históricos, sociais, integrados numa cultura e numa forma de vida [...].

2 Aqui, referimos a Dissertação de Silva (2015) sobre as características da estrutura do gênero anúncio propaganda, geralmente, contemplar o título do anúncio, a logomarca e o Slogan. Ainda que reconheçamos tais características, iremos contemplá-las nas análises a partir da perspectiva discursiva de Pêcheux, com enfoque nas noções teóricas mencionadas.

Neste artigo, como já mencionado, nossa proposta é desenvolver uma análise discursiva que mobiliza a noção de discurso-outro, a partir da compreensão dos processos imaginários de reconhecimento/desconhecimento que constituem os sujeitos nas suas relações sociais. Desse modo, a homogeneidade é concebida como um efeito do discurso, uma simulação baseada nas evidências de ser o sujeito origem do dizer, ilusoriamente pensado em sua literalidade e transparência. Portanto, a noção de discurso-outro, é pensada por Pêcheux (1988), estando efetivamente inscrito na teoria discursiva como um elemento constitutivo das diferentes práticas discursivas, via memória histórica, via interdiscurso, apontando para os diferentes efeitos de sentido, diferentes posições-sujeito, enfim, considerando a noção de heterogeneidade em cujo interior comporta sempre constitutivamente a contradição e diferentes posições-sujeito.

Feitas estas considerações necessárias, passamos a mobilizar o gesto analítico discursivo de interpretação, a partir do funcionamento de determinados discursos do Ministério da Saúde sobre prevenção da AIDS. Muito embora tenham sido veiculados em épocas distintas, poderemos mobilizar as noções discursivas, dando corpo às palavras, através da análise das formulações presentes nas imagens a seguir.

Figura 1: Mobilizando os discursos da imagem ¹³



Fonte: Campanha do Dia Mundial de Luta contra a Aids: Não leve aids para casa (2000), Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Sd1: Quem ama usa.

Sd2: Não leve aids para casa. Use camisinha.

³ Destaco que no site informado há apenas a reprodução dos discursos. Já não mais circula a imagem aqui exposta, mas a mesma foi coletada, por mim, do mural da Universidade, no ano de 2000.

No caso em análise, estamos diante de uma materialidade discursiva que convoca a noção de memória, apontando para a produção de um efeito de sentido não dito, mas que significa, a saber: “aquele que ama usa”. Contudo, quem seria aquele? Como preencher este espaço que se sugere como transparente?

No nível do intradiscurso, temos um discurso estruturado a partir do uso do pronome relativo “quem”, abrindo numa possibilidade de construção sintática na forma de uma oração subordinada substantiva relativa, introduzida pelo pronome relativo “quem” e assume a função de sujeito sintático. Sintaticamente, sabemos que as orações subordinadas relativas restritivas são introduzidas por pronomes relativos e têm por função delimitar o universo de seres representado pelo nome que antecede o relativo. Portanto, desempenham a função sintática de modificador restritivo.

Avançando na análise, ao trazer a imagem, em SD2, mãos que se relacionam, de imediato passamos a dialogar com campos discursivos distintos, mas que se entrecruzam: o da saúde, visto se tratar de um discurso veiculado por um ministério específico e o da religião. Então, percebemos estar diante de saberes acionados que configuram o que entendemos por Formação Discursiva e, neste caso, reconhecemos as FDs que abrigam saberes referentes ao catolicismo e ao machismo.

Disso advém a possibilidade de um gesto de leitura específico, quando compreendemos a remissão ao discurso, ou melhor, ao ritual do casamento, entendido como um eixo de estabilidade social, através de um contrato, formalizado numa cerimônia de união conjugal legítima, pois implica direitos mútuos, relativos à vida em comum de um casal. É sabido que este é um ritual que remonta ao século XI, na tradição cristã. Desse modo, a condição da mulher passa a ser valorizada e isso é de nosso conhecimento, embora disso discordemos.

Discursivamente, isso remete ao fato de que, através de um processo de repetibilidade, em relação ao que pode e deve ser dito, é que se preenche sintaticamente aquela lacuna do “quem” ou do “aquele que” é o homem, mas não qualquer um: “o homem que ama usa”.

Teríamos, então:

O homem que ama usa.

Disso advém outras perguntas:

Ama quem?

Usa o quê?

Nesse caso, teremos na imagem a relação possível de ser acionada, produzindo efeitos:

O homem que ama usa camisinha.

Ainda assim, não se trata de um homem qualquer, mas de um marido e, então, teríamos nesse discurso da imagem um resgate do rito do casamento, que contempla o discurso dos votos, feitos em forma de promessa:

“Prometo amar-te e respeitar-te:

Na alegria e na tristeza

Na saúde e na doença

Na riqueza e na pobreza

Prometo-lhe ser fiel até que a morte nos separe”.

Retomando o discurso da prevenção, nos deparamos com um sujeito que o organizou, mobilizando o eixo da repetição parafrástica, mas afetado pelo esquecimento, na crença da origem e controle do dizer. Há, portanto, um resgate de uma memória social que é retomada, regularizando sentidos através da linguagem, sob diferentes manifestações. Neste caso, temos o verbal e o não-verbal produzindo efeitos de memória na prática discursiva.

Porém, o que causa estranheza é que, no lugar da aliança, representação simbólica colocada no terceiro dedo da mão esquerda para selar o pacto feito entre marido e mulher, visualizamos um preservativo masculino.

Sob a perspectiva teórica da AD, estamos diante da noção de FD, que abriga em si a heterogeneidade, dada a presença de um deslizamento de sentido, produzido através de uma metáfora, uma palavra por outra, que recuperadas teríamos: aliança↔camisinha.

Para analisarmos este funcionamento, precisamos retomar a noção de FD não só como espaço do repetível, mas também como espaço que abriga o que não pode e não deve ser dito. Temos, então, uma forma-sujeito que atravessa o dizível e desliza para ressignificar movimentação na rede de filiações de sentidos, com outro saber que se abriga em uma posição-sujeito divergente dentro da FD Católica.

Desse modo, temos em pauta a questão da fidelidade, concebida como primordial no pacto do matrimônio, basta recuperar o discurso da promessa, voto declarado, ao trocarmos entre si a aliança. Assim, entre a promessa de amor e fidelidade, saber identificado com a FD citada, há uma ruptura para surgir o discurso da possível infidelidade do homem, que se, porventura,

cometer adultério, inclusive, este é um dos dez mandamentos “Não adulterarás”, sofrerá o julgamento Divino.

O que se destaca é o fato de que, embora haja a mobilização de duas posições-sujeito, uma sobre ser fiel e outra ser infiel, contudo, ambas posições, ainda que divergentes, encontram-se abrigadas dentro da mesma FD Católica, visto que o discurso da saúde se manifesta entrecruzado com o rito da celebração do casamento. Assim, a imagem materializa um novo discurso/deslizamento que coloca os sentidos à deriva, rumo a outras redes de significação. Dito de outro modo, o sentido da palavra fidelidade vai deslizar endereçando à pulsão do homem que deseja. Apaga-se, pois, o desejo da mulher e se sobressai o desejo do homem. Daí a identificação com saberes machistas, ao que teríamos o seguinte discurso:

Não leve AIDS para casa. Use camisinha

Com base em Indursky (1997, p. 231), uma análise possível desse enunciado ancora-se no efeito de sentido produzido pelo arranjo intradiscursivo que permite, a partir da marca da negação, acionar o discurso do outro, configurando um jogo de explícito e implícito, ao que poderíamos parafrasear:

Se for infiel, proteja sua esposa usando camisinha.

Não leve AIDS para sua mulher/esposa.

O uso da negação mobiliza outro movimento de deslize, reconfigurando saberes, através das duas posições-sujeito, já mencionadas em relação à FD Católica, e isso é possível pelo viés da memória discursiva. Desse modo, identificamos um deslizamento a partir não só da negação interna, já que não se rompe totalmente com saberes da FD citada, mas também da metáfora do termo casa, que aciona efeitos de sentido alusivos à mulher/útero/abrigo/morada/lar, ou seja, lugar ideal/imaginário da completude do homem/marido, enfim, a “sua outra metade”, por quem ele deveria se responsabilizar, proteger. Por negação interna, Indursky (1997, p. 229) entende que

[...] incide sobre sequências discursivas igualmente provenientes do exterior, ou seja, seu escopo ainda são enunciados pré-construídos, que revelam a presença do outro, porém ela incide sobre um discurso afetado pela mesma FD do discurso que a internaliza (...) distinguem-se apenas pelas diferentes posições subjetivas que assumem em relação ao saber da FD em questão.

Assim considerando, no discurso em análise, podemos dizer que há um movimento, ainda que considerado “intencionalmente estratégico”, de uma ruptura com a moral do mandamento bíblico e uma identificação com o sujeito do desejo, que encontra pretensa

completude às avessas no outro (esposa), ainda que o marido traia, mas tem amor por ela e, por isso, a preserva. Nesse caso, o sentido de fidelidade não é da ordem do religioso, mas um sentido que desliza para saberes da área da saúde, ou seja, uma fidelidade ao corpo, que deve ser preservado da doença.

Isso equivaleria a dizer que há, nesse discurso, um efeito de memória que perpassa a cena do rito casamento, como algo da ordem do repetível, para, posteriormente, ressoar o novo, o equívoco, como marca da resistência do sistema da língua, enquanto materialidade do discurso, que marca em si a representação daquilo que falha. Segundo Pêcheux (1988), todo enunciado pode sempre tornar-se outro, uma vez que seu sentido pode ser muitos, mas não qualquer um.

Se estivéssemos ancorados apenas na materialidade da língua, nos seus arranjos gramaticais, por exemplo, correríamos o risco de simplificar nossa análise, reduzindo-a à superficialidade conteudista, mas não se trata disso. E o que nos oferece suporte teórico para sustentar a análise discursiva são as noções teóricas a serem mobilizadas, dentre elas a noção de FD, memória, interdiscurso, intradiscurso, enfim, discurso e ideologia.

Discursivamente, o que podemos notar é a mobilização de saberes antagônicos nesse discurso sobre prevenção da AIDS, os quais caracterizam domínios de saber específicos e posições discursivas distintas com as quais os sujeitos desse discurso se identificam. Nesse espaço discursivo de tensão, onde posições-sujeito antagônicas se manifestam, notamos o processo de interpelação ideológica, ou seja, é justamente no nível do enunciado (intradiscurso) que vemos acionado o interdiscurso de uma FD, visto que, dentre o conjunto de formulações possíveis, houve um princípio de aceitabilidade daquilo que se diz sobre homem, mulher, casamento, adultério e uso da camisinha e, conseqüentemente, uma identificação com os saberes específicos sobre o tema.

Retomando Pêcheux (1988), vale lembrar que a enunciação de uma sequência linguística se constitui em discursividade, segundo as condições históricas e obedecendo às condições formais, de ordem linguística. É em relação à própria espessura semântica da linguagem que se estabelecem as condições de constituição do lugar da memória, ou melhor, o DOMÍNIO DE MEMÓRIA, de acordo com Courtine (1999, p. 16), seguindo M. Foucault, que constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciadador na formação dos enunciados “pré-construídos” de que sua enunciação se apropria.

Podemos entender, portanto, que os efeitos de sentido produzidos nesses discursos em análise são de retomada de dizeres que, dispersamente, circulam, enquanto pré-construídos passíveis de serem mobilizados, a partir de identificações com determinada FD. Em outras palavras, o ministério da saúde, na representação do lugar social do ministro José Serra, na época, ressalta o perigo de nos contaminarmos através do vírus da AIDS e o faz por meio da ressalva, destacando o discurso do machismo em sua eficácia, ao colocar o homem/marido como responsável único e protetor da mulher/esposa. Isso é feito pelo viés da imagem do rito matrimonial enquanto discurso fundante para abrir o discurso sobre a prevenção da saúde.

O fato é que, em meio a discursos existentes sobre doenças sexualmente transmissíveis, “escolheu-se”, (in)conscientemente, um modelo tradicional/heteronormativo como ponto de partida e isso promoveu um discurso que corrobora a questão referente à fidelidade e o lugar social delimitado ao homem e à mulher.

Desse modo, irrompe, nos discursos em análise, um confronto de dizeres, sinalizando posições-sujeito distintas, que apontam para a falta na presença, ou melhor, a fidelidade parece só existir na condição do “corpo preservado” do marido, já que se mantém no lugar de soberania em relação a não só se proteger, mas, sobretudo, proteger a sua esposa, dada sua suposta condição de fragilidade diante da supremacia e autonomia do seu marido.

Nesse sentido, a memória discursiva pensada como sendo da ordem do social, um tecido sócio-histórico, mobiliza o jogo da repetição, manifestada no discurso verbal e não-verbal, em que se produzem sentidos outros, diferentes daqueles pretendidos, os deslizamentos, o efeito metafórico dos termos aliança e camisinha, como presença/garantia/sustentação simbólica do casamento.

Até aqui, nossa reflexão, ainda que sucinta, leva-nos a dizer que tanto a noção de memória quanto a de interdiscurso são acionadas e se interrelacionam, bem como as noções de FD, sujeito, sentido e ideologia, pois, ao acionarmos nosso gesto de interpretação, elas retomam sua força de suporte da trama discursiva.

Figura 2: Mobilizando os discursos da imagem 2



Fonte: Campanha de Prevenção do Carnaval 2019 reforça o machismo estrutural ao excluir mulheres – Empoderadxs – Informação é Poder!

Nessa propaganda do Ministério da Saúde, de 2019, podemos acionar, em seu discurso, uma sequência de verbos no modo imperativo, que demandam comando, atitude por parte de quem se coloca na posição de controle, a saber, convoca o público a quem se endereça, aludindo à formulação do repetível, demonstrando, inúmeras vezes, tal relação de “domínio sobre”: domínio dos homens sobre as mulheres. No nível do intradiscurso, as escolhas verbais, no modo imperativo afirmativo, estruturadas, por meio do uso de uma simetria sintática, sugerem conferir pretensa clareza, objetividade e precisão ao discurso, a saber: pare, pense e use. Tal sequência discursiva permite o acionamento de saberes que ressoam, que já estão lá, mas que uma vez ditos, são ressignificados.

-Parar para quê?

Para pensar.

-Pensar em quê?

Que precisa se proteger da contaminação pelo vírus HIV e IST.

-Use o quê?

A camisinha masculina, pois ela o preservará de qualquer infecção sexualmente transmissível.

É importante frisar as condições de produção dessa campanha do Ministério da Saúde, que contou com o protagonismo de Gabriel Diniz e, na época, ainda vivo, ganhou fama pelo

grande sucesso da música/hit “Jenifer”, da qual destaco, para efeito de um gesto analítico, apenas a seguinte estrofe:

“O nome dela é Jenifer,
Eu encontrei ela no Tinder,
Mas ela faz umas paradas
Ãh que eu não faço com você”.

Ao analisarmos o termo “paradas”, podemos mobilizar uma estreita relação entre atividade e passividade, sobretudo, se acionarmos o campo discursivo da sexualidade. Tal substantivo, “paradas”, funciona, no intradiscorso, como um hiperônimo que abrigaria quaisquer sentidos, mas nesse discurso, considerando as condições de produção em tempos carnavalescos, a campanha de prevenção alude ao par que tem um encontro, através de um aplicativo, das redes sociais, Tinder, e advém daí a casualidade, o descompromisso, a permissividade carnavalesca, o par casual, liberto do compromisso monogâmico, pois topa quaisquer paradas, relativas às práticas condizentes mais com o ideal da mulher puta (supostamente nomeada com o substantivo próprio que, morfologicamente, particulariza um ser) do que da mulher santa. Desse modo, o par Jenifer/Tinder localiza, atribui uma identidade a essa mulher, a partir da especificidade do local onde foi encontrada, a saber, num aplicativo para encontros. Eis o imaginário discursivo por onde migram os sentidos de mulher e ao que a ela cabe enquanto papel socialmente aceito ou tolerado. Soma-se a isso o funcionamento sintático que restringe o termo paradas, pois se trata daquilo “que eu não faço com você”, que não cabe ao homem fazer com a mulher de respeito, a santa.

Tais discursos que, (pre)tensamente, definem a mulher, constituem-se em processos de significação advindos desse imaginário alusivo ao duo mulher santa e mulher puta, que, aludido na voz do cantor Gabriel Diniz, fomenta modos de representação da mulher, sinalizados em processos discursivos, expressos em diferentes materialidades. Nesses discursos de campanha de prevenção do Ministério da Saúde, deparamo-nos, enquanto leitores, com modos de subjetivar a mulher socialmente, a partir de papéis atribuídos ao homem, não quaisquer, mas aquele que ama, encarregado de ser o responsável/cuidador, inclui-se “o proprietário do corpo da mulher.

Não por acaso, o slogan da campanha irá remeter à questão do relacionamento sexual de um homem e uma mulher, casual ou não, o fato é que a prevenção deve ser considerada.

Portanto, a posição-sujeito mobilizada é a de identificação com o discurso machista, endereçado ao seu par no relacionamento, ou seja, é a partir da imagem de um homem jovem, famoso, que impunha/impõe a sua virilidade, segurando a embalagem da camisinha, que estampa o formato do falo masculino, como demonstração do poder do homem, disponível, sobretudo, na época do carnaval, data em que o auge da liberdade dos foliões se intensifica, com maior notoriedade para os relacionamentos casuais. Vale mencionar que esta campanha, de 2019, teve a justificativa, conforme o Ministério da Saúde afirma, de “[...] cada vez mais estimular o uso do preservativo, para que o Carnaval seja sempre uma memória feliz. Vamos fazer um Carnaval e um ano inteiro de consciência em relação à responsabilidade sobre o seu corpo e o da pessoa que você ama”, conforme o então Ministro Luiz Henrique Mandetta.

Com base no que precede, estaríamos, então, aludindo a um discurso que está fadado a um dito que de tão repetido se cristalizou? Para a AD, não há transparência, como lembra Orlandi (2001, p. 5), “o que há são versões”. Então, é na saturação de saberes abrigados no interdiscurso que a memória discursiva será acionada pela forma-sujeito, promovendo o movimento de identificação com determinada Formação Discursiva, nos casos em análise, a FD Católica e a FD Machista, em cujo interior temos saberes que produzem uma violência simbólica em relação ao modo como se estabelece esta relação de forças, nesse eterno jogo de poder que sustenta efeitos de sentido relacionados à mulher. Portanto, reconhecemos uma seta direcionada discursivamente à (pre)tensa rede de significação por onde enveredam discursos que se repetem, parafraseiam-se, travestidos do novo, do politicamente correto, por isso (in)aceitáveis tanto para o homem quanto para a mulher.

Em outras palavras, os discursos em análise deslizam do político para o religioso e tal movimento produz efeitos de sentidos que corroboram um lugar para a mulher na sociedade. Daí dizer que esses discursos funcionam em plena potência, pois operam no plano da ideologia, através de suas determinações históricas e suas relações de poder. Como afirma Orlandi (1990, p. 34), é preciso expor o olhar-leitor à opacidade do texto, a fim de compreendermos que é no discurso que se configura a relação língua e ideologia. Para Orlandi (1990, p. 36), “[...] a ideologia não é dissimulação, mas interpretação do sentido (em uma direção). Não se relaciona à falta, mas, ao contrário, ao excesso: é preenchimento, a saturação, a completude que produz efeito de evidência, porque se assenta sobre o mesmo, o já-lá”.

Isso nos permite compreender que, nestes discursos de campanha, fala-se da mulher a partir da representação imaginária que se tem dela, ou seja, entrecruzando os campos

discursivos da saúde e da religião, tem-se modos de produzir os efeitos do repetível (interdiscurso), ou seja, “falar sobre o outro para instituir a imagem de si, ou seja, cria a tradição do (sou-sempre-já), além de sua imagem (o que deve ser). Assim, o pré-construído (o já-dito) produz a incompreensão (desconstrução do outro), num movimento de concentração de sentidos” (ORLANDI, 1990, p. 44). Desse modo, podemos compreender como o Ministério da Saúde atua, por meio da linguagem, que ganha corpo nos discursos em foco, efeitos de sentidos que se reproduzem, mas que, também, podem vir a se deslocar. Vale dizer que não desconhecemos o fato de ter havido algumas mudanças que se constituem num esforço de este tipo de publicidade ser repensado, mas o processo é lento, por isso a necessidade de ainda demonstrarmos gestos de resistência frente à (re)produção e manutenção desses discursos.

Considerações finais

O que fica desta reflexão é que, embora queiramos dar nome às vozes anônimas que se encontram no interdiscurso, lugar do inapreensível, é no nível da constituição do discurso, através da identificação com determinada Formação Discursiva, que o analista irá acionar as noções teóricas da AD, para daí, então, demonstrar as possibilidades de dizeres que se atualizam no momento da enunciação, sob o efeito de um esquecimento, mas não de uma memória entendida no sentido psicologista da Memória individual, como diz Pêcheux (1999), mas como um espaço de virtualidade de significações, integrantes de um processo histórico, resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou passados. Portanto, o que determina os movimentos de unidade/dispersão do sujeito e do seu discurso, é passível de ser analisado, conforme buscou-se demonstrar nas análises dos discursos do Ministério da saúde sobre prevenção à AIDS, os quais se distanciam apenas pela época de veiculação. Num período de tempo entre as publicações das campanhas, que somam dezenove anos, para nós, fica a pergunta de indignação: até quando discursos assim, cis-heteronormativos e machistas serão (re)produzidos?

Finalizando, retomo o dizer de Orlandi (2001, p. 9), quando afirma que “formular é dar corpo aos sentidos, na medida em que o homem, um ser simbólico, constitui-se em sujeito pela e na linguagem inscrito na história para significar, possui seu corpo vinculado ao corpo dos sentidos” e isso significa que o corpo das palavras está na formulação de sentidos, na sua

produção, envolvendo-os e trazendo-os para si a partir da interpretação. Assim, são os efeitos de sentido produzidos e percebidos pelo sujeito discursivo, fluidos, provocantes, que se enfrentam no seu domínio, contudo, é na rede do discurso, em sua tessitura porosa, que eles se materializam, através de identificações, filiações, contra-identificações. Justamente por isso, em seu grau maior de complexidade e incompletude, os sentidos e seus efeitos manifestam-se sedutores ao olhar do analista de discurso.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: MACHADO, Rosely Diniz da Silva.

Referências

- ACHARD, P. Memória e Produção de Sentido. In: *Papel da Memória*. [Tradução e introdução de J. H. Nunes]. Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Maria E. G. G. Pereira (trad.). 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 1997. p. 277-326
- COURTINE, J. J. O Chapéu de Clementis. In: *Múltiplos territórios da análise do discurso*. [Tradução de Marne R. de Rodrigues]. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- INDURSKY, F. A fala dos quartéis e as outras vozes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- INDURSKY, F. A Memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). *Memória e História na/da Análise do discurso*. 1. ed., Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 1-335.
- MARCUSCHI, L. A. Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ORLANDI, E.P. (Org.) *Discurso Fundador*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E.P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E.P. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- ORLANDI, E.P. *Terra à Vista discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas, SP: Cortez, 1990.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: UNICAMP, 1988 (original de 1975).

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997 (original de 1969).

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. [Tradução e introdução de J. H. Nunes]. In: Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Pierre Achard, Eni Puccinelli Orlandi. *Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. [Trad. de Eni Orlandi]. 2ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2002 (original de 1983).

SILVA, C. C. Os gêneros anúncio publicitário e anúncio de propaganda uma proposta de ensino ancorada na análise de discurso crítica. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) — Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Letras. Disponível em: [GenerosAnuncioPublicitario.pdf \(ufu.br\)](#). Acesso em: 23 jul. 2021.